

CONHECIMENTO, VIDA E CIÊNCIA: ELEMENTOS PARA PESQUISA

*Sumaya Persona de Carvalho**

RESUMO

Considerar o conhecimento, a vida e a ciência como elementos de discussão presentes na pesquisa, levando em conta os antagonismos, as dúvidas e as certezas inerentes à complexidade do ser humano, como possibilidade na busca de explicações e interpretações para sua existência.

PALAVRAS-CHAVE

Conhecimento, vida e ciência, pesquisa.

ABSTRACT

Consider knowledge, life and science as elements that belong to research, taking into account the antagonisms, the doubts and the certainties inherent to the complexity of the human being, as a possibility in the search for explanations and interpretations for their existence.

KEYWORDS

Knowledge, life and science, research.

As coisas por sabidas não são ditas e,
por não serem ditas, são esquecidas.

Pablo Neruda

* Professora Adjunta do Departamento de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC/SP.

O tema “Conhecimento, Vida e Ciência” é um convite para discutir o ser humano, considerando todos os seus antagonismos, dúvidas e certezas. Talvez isso instigue o homem a buscar explicações e interpretações para sua existência.

O homem entre tantas incertezas põe-se a questionar: o que eu conheço me ajuda a sobreviver? Por que posso conhecer? O que é esta humanidade?

Morin (1999, p. 29) esclarece a importância do conhecimento: o ato de conhecimento “ao mesmo tempo biológico, cerebral, espiritual, lógico, lingüístico, cultural, social, histórico, faz com que o conhecimento não possa ser dissociado da vida humana e da relação social”.

A autoconsciência permite ao homem perceber a si mesmo e ao outro. Existe um outro? Alteridade com o outro?

O ser vivo é um ser em relação que interage com o ambiente e que produz seus meios de vida. Dito de outro modo é próprio do ser vivo ser aberto, dialógico e laborioso. O engrama, no processo evolutivo das espécies, permite experiências cada vez mais complexas, num trajeto que vai do instinto ao aprendizado e à criatividade.

Para os humanos, aprender torna-se uma fonte renovável e constante de relação, de abertura, de troca, de prazer, de crescimento, de aventura, de mutação, de empoderamento.

O aprendizado envolve, necessariamente, relação entre o sujeito que aprende e o aprendido. Esta relação envolve uma mobilização do sujeito para fora fletindo em direção a, abrindo-se para. Este movimento de abertura possibilita trocas entre o sujeito que aprende, o aprendido e a aprendizagem, estimulando mudanças.

Aprender implica alegria, prazer. Alegria de descobrir-se capaz de superações, prazer de experimentar uma dimensão muito especial de liberdade. Capacidade de superar e a liberdade favorecem o crescimento, convidam ao aventurar-se por mares desconhecidos. Cada aprendizagem põe em curso uma renovação, fortalecendo o aprendiz. A aprendizagem é fundamentalmente uma fonte de empoderamento para viver.

O ser humano vive em constante organização e reorganização de seu espaço e de sua relação com o outro. E, nesse movimento, a oposição entre o nós e o outro, na visão de Bandeira (2004, p.11), é uma experiência humana “instituidora de definições de semelhanças, de diferenças, com que se tem distinguido, ordenado e regulado os relacionamentos, os processos de convivência, promovendo uma elaboração simbólica da diversidade.”

Diante disso, a consciência da alteridade leva o ser humano a compreender a realidade e a atuar no mundo em que vive. Os animais não têm essa capacidade. Alguns podem interferir na humanidade, mas sempre da mesma maneira. Não têm consciência e não mudam seu modo de vida. Já o homem a muda. “O homem é o único ser a lidar intencionalmente no ambiente onde vive e consegue mudar esta realidade em seu benefício ou em seu “malefício””. (GATTI, 2002)

Vários autores, entre eles Morin (1999, p. 228), afirmam que cada indivíduo, conforme sua história pessoal, sua formação, sua profissão tem uma forma própria de usar as potencialidades dialógicas do pensamento. O pensamento é uma arte que possibilita, cada vez mais, “inventar a sua concepção de um fenômeno de um acontecimento e de um problema.”

O universo da consciência humana apresenta um desafio de reflexão: por que pensamos? Como pensamos?

Morin (1999, p. 229) esclarece que “qualquer descoberta, a começar pela de uma coisa visível para todos, é uma conquista cognitiva que comporta invenção e criação.” Ambas, criação e invenção, aparecem de diferentes modos, tipos, níveis e estão presentes nos princípios, nas regras, nos esquemas, nas teorias preexistentes que derivam “de uma inventividade ou criatividade banal, ou mesmo cotidiana.”

Um exemplo a ser lembrado é o de Newton. Ele via que a simples queda da maçã podia ter algo mais a atrair este corpo para a terra. Até perceber, neste fato, a manifestação particular da gravitação universal. Este cientista conseguiu ver o que todos viam, mas pensar o que ainda não havia sido pensado. Esses

dois fenômenos interligados (ver o que todos vêem e pensar o que ninguém pensou) possibilitaram a criação de uma concepção subjacente a uma evidência. Deste fato, pode-se deduzir que invenção e criação decorrem de uma forma particular de visão das coisas, de concepção e da realidade do mundo.

Possibilita também, um novo tipo de conhecimento que não seja apenas pragmático. O conhecimento abstrato permite ao homem refletir sobre suas condições naturais e a sistematizar o conhecimento. Esse esforço sistematizado de conhecer e explicar certos fatos pode ser denominado de ciência.

Desta forma, a ciência é a sistematização do conhecimento, de elementos que transcendem os fenômenos. A busca não se limita à salvação da espécie. O homem preza um modo de vida diferente da dos animais. Ele não procura exclusivamente a sobrevivência, mas também, a perspectiva de viver bem, já que é um ser natural que chegou de uma evolução biológica natural (MORIN, 2001).

O que o homem faz para sobreviver pode ser questionável. Entretanto, é inegável que ele constrói no seu *habitat* algo mais que os animais não fazem.

Ao lado da civilização humana já houve, e ainda há, os mitos que explicam o próprio homem: “contam a origem do mundo e do homem, seu estatuto e seu destino na natureza; suas relações com os deuses e com os espíritos” (MORIN, 1999, p. 193). Os mitos primitivos, além de revelar a passagem da natureza à cultura, referem-se à identidade, ao passado, ao futuro, do possível e do impossível; do que suscita interrogação, curiosidade, necessidade e aspiração. Para Morin (1999) eles são de natureza complexa e obedecem a uma polilógica que compreende o conteúdo possível, mas incerto e arbitrário de um fenômeno.

Os mitos influenciam transformações da história de uma comunidade e de um povo, tornando-os lendários. Os mitos podem, também, duplicar o que acontece no mundo real e imaginário.

Além de emocionar, os mitos podem, até certo ponto, dar respostas à interrogação humana. Mas eles não são suficientes para darem conta da certeza.

Espiritualidade aliada à cultura pode ser considerada um elemento importante para o conhecimento científico que vai se desvinculando do pragmatismo, a partir de teorizações densas.

Para Morin (1999, p. 94)

[...] sem cultura, isto é, sem linguagem, *savoir faire* e saberes acumulados no patrimônio social, o espírito humano não teria atingido o mesmo desenvolvimento e o cérebro do homo sapiens teria ficado limitado às computações de um primata do mais baixo grau.

Desde há muito tempo o homem indaga: como conheço? Como posso conhecer? Porque posso conhecer?

Possíveis respostas, entretanto, teriam que passar pelo crivo da crítica para que se ganhe em objetividade o que é construído subjetivamente. Alguns teóricos privilegiam a materialidade, o homem enquanto uma máquina; outros privilegiam o imaginário, o interpretativismo. Desse entrelaço, surge a questão de como é possível construir algo como um fenômeno. A história da humanidade vem se encarregando de propiciar compreensões ampliadas, na medida em que o homem investiga, cada vez mais, fatos de sua existência.

Conhecendo esses fatos, o homem se aproxima de uma compreensão de si mesmo enquanto ser humano que, para Morin (2000, p. 59-60), apresenta um conjunto de características antagônicas e bipolares. O ser humano vive de muitas formas e se apresenta sob várias perspectivas: é racional e irracional, sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, chora, mas tenta, também, conhecer com objetividade; é invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real; é consciente da morte, mas não pode ou não quer crer nela; acolhe o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; é possuído pelos deuses e pelas idéias, mas duvida dos deuses e critica as idéias; aceita conhecimentos comprovados, mas também ilusões e quimeras.

O autor ainda observa que, diante das rupturas de controles racionais, culturais, materiais, há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário.

Da compreensão dessa complexidade, o homem chega a um ponto em que dispõe de muitas fórmulas explicativas para a mesma coisa. Não há uma única forma de explicar a estrutura da matéria e a complexidade do fenômeno.

Considerar apenas uma única forma de perceber o homem, é, no mínimo, um equívoco. Existem várias vertentes epistemológicas e muitas formas de compreender a realidade.

Nas ciências humanas, na sociologia, a título de exemplo, podemos citar Marx e Durkheim. Em relação a Durkheim, seu pensamento é tomado como fundamento para explicar o mundo na perspectiva sociológica. Ele não está sendo relegado a um segundo plano em função do passado, mas ocorre a dificuldade de compreensão de sua teoria, devido à complexidade de sua explicação. Por exemplo, Freud explica, de forma densa, o psiquismo humano sem uma teoria plenamente elaborada. Adler e Jung mostram seus limites, aprofundam essas compreensões e as diferenciam. Atualmente, existem, no mínimo, três formas de compreensão psicanalítica. Elas são tomadas como ponto de partida, não como um fim, competem no grau explicativo para a compreensão do mundo. (GATTI, 2002)

Teóricos tentam ampliar, contrapor idéias e, nesse confronto, competem na apresentação de uma nova forma de compreender um fenômeno, uma teoria. Assim caminha a criação.

O desenvolvimento da ciência depende das relações culturais das pessoas porque o homem é um ser consciente. Então, a ciência depende da materialidade e das relações culturais entre os povos.

Como forma de contribuir para um avanço científico, cabe ao pesquisador, antes de tudo, interrogar, analisar, criticar os fenômenos a serem investigados. O conhecimento requer consenso e divergência. A crítica, num primeiro momento, pode significar crise, como pode também, oferecer a oportunidade para enfrentar os mitos, sem, entretanto, eliminar a ilusão de uma sociedade futura perfeita e racionalmente estranha.

O rigor da pesquisa científica é alcançado quando consegue libertar-se das crenças ingênuas. É necessário escapar da tirania

do dogma, da adesão radical. Até que ponto um pesquisador tem condições de escolher uma teoria para sua investigação? A resposta decorre da vivência do pesquisador e de seu mergulho no trabalho. Entender essa lógica é enfrentar, como pesquisador, o problema epistêmico. É imprescindível conhecer a problemática de fundo, assim como o enfoque a ser dado e a temática relevante.

Abordar o conhecimento, a vida, a ciência conjuntamente é entrar num território fértil, fascinante e ainda, pouco conhecido. Isto possibilita, por enquanto, afirmar que não há a melhor teoria e nem a epistemologia hegemônica. Todas são possibilidades.

Na ciência, o homem procura alternativas fecundas para construir e reconstruir seu processo histórico, sua cultura. “Nosso cotidiano vive sempre em busca de sentido. Mas o sentido não é originário, não provém da exterioridade de nossos seres.” Assim, considerar elementos como, por exemplo, o amor, a poesia e a sabedoria podem ampliar as possibilidades de análise do universo investigativo, compreendendo que o sentido “emerge da participação, da fraternização, do amor. O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida. Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido ao “viver por viver””. (MORIN, 2001, p. 10)

A perspectiva acima pode levar o pesquisador a encontrar uma nova forma de pesquisar, muitas vezes longe do pretendido como objetivo principal, mas talvez aí esteja a arte em fazer pesquisa. Ver o que não está no aparente, no concreto, mas considerar as múltiplas facetas do objeto de investigação e a experiência adquirida no percurso.

Os ingredientes da pesquisa parecem que escapam, mas estão sempre presentes. Ausentes e presentes, aparentes e não-aparentes, concretos e não-concretos. É assim que se constitui a substância da investigação, pois “Aquilo que revelo e o mais que segue oculto (...) são notícias humanas simples de estar no mundo” (Drummond). Num mundo em que a “realidade é a matéria prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho” (Lispector).

Referências bibliográficas

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Prefácio. In: LEITE, Ilka. **O legado do testamento**: a comunidade de Casca em perícia. Porto Alegre, UFRGS, Florianópolis: NUER/UFSC, 2004.

GATTI, Bernardete, Angelina. **Comunicação pessoal** – aulas da disciplina Seminário Teórico Metodológico I, no Programa de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, PUC/SP (março a junho, 2002)

MORIN, Edgar. **O Método 3** – O Conhecimento do Conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo/Brasília, Cortez/Unesco, 2000.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.